

Uma abordagem cognitivo-funcional para hipercorreções em textos escritos por estudantes do Ensino Fundamental

A cognitive-functional approach to hypercorrections in texts written by elementary school students

Eduardo Vital Martins¹, Natival Almeida Simões Neto², Davidson Martins Viana Alves³

*Universidade Estadual de Feira de Santana/PROBIC (Brasil), Universidade Federal da Bahia/JOVEMPESQ (Brasil),
Universidade Federal da Bahia (Brasil)*

RESUMO

Este estudo investiga as hipercorreções grafemático-fonético-fonológicas em textos de estudantes do ensino fundamental, à luz de uma abordagem cognitivo-funcional. Com base em Bybee (2001, 2016), partimos da lacuna de análises que integrem fonologia, cognição e uso na explicação desse fenômeno cunhado por Labov (2008 [1972]) e atualmente tratado pelos manuais de ensino em uma perspectiva normativa. O objetivo é identificar os processos cognitivos de domínio geral subjacentes às hipercorreções. Metodologicamente, adotamos uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, baseada na análise de redações escolares, com classificação dos dados em categorias grafofonéticas e grafemáticas. Os resultados indicam que as hipercorreções decorrem de processos como categorização, analogia, *chunking* e memória enriquecida, revelando tentativas sistemáticas de aproximação a padrões considerados prototípicos ou socialmente de prestígio, ainda que não correspondam à norma ortográfica.

PALAVRAS-CHAVE:

Hipercorreção. Linguística Cognitiva. Fonologia Cognitivo-funcional. Escrita escolar. Processos cognitivos.

Recebido em: 27/04/2026

Aceito em: 14/08/2026

¹ E-mail: eduardovitalmartins@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7239-1872>

² E-mail: nativallneto@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7972-2396>

³ E-mail: davidsonalves@ufba.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2160-8851>

ABSTRACT

This study investigates grapheme-phoneme-phonological hypercorrections in texts written by elementary school students, from a cognitive-functional perspective. Drawing on Bybee (2001, 2016), the study addresses the gap in analyses that integrate phonology, cognition, and usage to explain this phenomenon, which was coined by Labov (2008 [1972]) and is currently treated from a prescriptive perspective in language teaching textbooks. The objective is to identify the general-domain cognitive processes underlying hypercorrections. Methodologically, a qualitative, descriptive-interpretive study is adopted, based on the analysis of school essays, with data classified into graphemic-phonetic and graphemic categories. The results indicate that hypercorrections stem from processes such as categorization, analogy, chunking, and enriched memory, revealing systematic attempts to approximate patterns considered prototypical or socially prestigious, even if they do not correspond to the orthographic norm.

KEYWORDS:

Hypercorrection. Cognitive Linguistics. Cognitive-functional Phonology. Schoolwriting. Cognitive processes.

Considerações iniciais

A investigação linguística contemporânea, especialmente no âmbito da Linguística Cognitiva e da Linguística Baseada no Uso, tem se orientado por uma compreensão da linguagem como um sistema adaptativo complexo, no qual estruturas emergem da interação entre processos cognitivos gerais, experiência e uso situado. Nesse enquadramento, a fonologia deixa de ser concebida como um componente autônomo, passando a ser entendida como parte integrante de uma gramática cognitiva mais ampla, na qual mecanismos como categorização, analogia, automatização e memória enriquecida desempenham papel estruturante na organização do conhecimento linguístico. Essa perspectiva implica uma reconfiguração do estatuto da forma sonora, que passa a ser analisada em estreita articulação com fatores cognitivo-funcionais, socioculturais e ancorados pela experiência linguística.

No interior desse campo teórico, diferentes modelos têm contribuído para a consolidação de uma abordagem cognitivo-funcional da linguagem, dentre os quais se destacam a Fonologia Cognitiva, a Fonologia Baseada no Uso e a Teoria dos Exemplos. Esses modelos convergem ao postular que as representações linguísticas são gradientes, multirrepresentacionais (Cristóvão Silva; Gomes, 2007) e sensíveis à frequência e ao contexto de uso, organizando-se em redes de similaridade que refletem tanto propriedades formais quanto aspectos da experiência sociocultural dos falantes. Nesse sentido, como argumenta Bybee (2001; 2016), a frequência de ocorrência de formas linguísticas e a repetição de padrões afetam diretamente sua representação mental e sua

realização fonética, o que evidencia a centralidade do uso na configuração da estrutura linguística.

Apesar dos avanços dessas abordagens, observamos ainda uma lacuna no que se refere à aplicação sistemática desses pressupostos à análise de fenômenos grafo-fonológicos em contextos de aquisição e letramento, especialmente no que concerne às hipercorreções em textos escritos por estudantes. Ainda são incipientes as análises que os tratam como resultado de processos cognitivos de domínio geral, articulados à dimensão fonológica. Diante disso, surge a questão de pesquisa: de que modo as hipercorreções podem ser explicadas sob uma abordagem cognitivo-funcional, considerando os processos de conceptualização, categorização e organização em redes de exemplares?

A relevância desta investigação reside na possibilidade de ampliar o escopo explicativo dos estudos sobre hipercorreção, deslocando o foco de uma abordagem normativa ou descritiva para uma perspectiva que considere os mecanismos cognitivos subjacentes à produção linguística. Tal deslocamento é particularmente importante em contextos educacionais, nos quais práticas de ensino baseadas em manuais normativos da língua frequentemente se baseiam em concepções prescritivas do uso, desconsiderando a natureza dinâmica, variável e experiencial da linguagem.

Diante desse quadro, o objetivo geral deste artigo é analisar as hipercorreções grafemático-fonético-fonológicas em textos escritos por estudantes do ensino fundamental a partir de uma abordagem cognitivo-funcional, buscando evidenciar indícios de certos processos cognitivos de domínio geral que motivam tais ocorrências. De modo mais específico, pretendemos (1) descrever os principais tipos de hipercorreções presentes no *corpus*, (2) interpretar esses fenômenos à luz de processos como categorização, analogia, *chunking* e memória enriquecida e (3) discutir as implicações desses achados para a compreensão da relação entre linguagem, cognição e ensino.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo-interpretativo, fundamentada nos pressupostos da Linguística Cognitiva, que privilegiam a análise dos dados em sua complexidade e contexto de ocorrência. O *corpus* é composto por 35 redações produzidas por estudantes do Ensino Fundamental (Nascimento, 2019), a partir das quais se realiza uma análise das ocorrências de hipercorreção com base em critérios grafofonéticos e grafemáticos.

No que concerne à organização do artigo, inicialmente apresentamos o enquadramento teórico da Linguística Baseada no Uso, o lugar da Fonologia nesse paradigma e os conceitos de hipercorreção e de processos cognitivos de domínio geral que as subsidiam; posteriormente, descrevemos os procedimentos metodológicos e o *corpus* analisado; na sequência, desenvolvemos

a análise dos dados, com a identificação e interpretação dos fenômenos observados; por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se retomam os principais resultados e suas implicações teóricas e aplicadas.

1. A Linguística (Funcional) Baseada/Centrada no Uso e o lugar da Fonologia

Desenvolvemos este estudo situados no paradigma funcionalista da Linguística, mais especificamente, na Linguística Baseada no Uso (LBU), que se trata de uma convergência de teorias, o que inclui a Linguística Funcional (LF), a Linguística Cognitiva (LC) e a Gramática de Construções: “[...] a estrutura linguística é vista como um produto emergente da aplicação repetida de processos [cognitivos de domínio geral] que lhe são subjacentes, e não como um dado *a priori* ou como resultado de um planejamento, então a língua pode ser compreendida como um sistema adaptativo complexo” (Bybee, 2016, p. 18).

Expomos isso de maneira a apresentarmos como a Fonologia tem se inserido nesse escopo e por que consideramos as (autodenominadas) Fonologia Cognitiva (FC), Fonologia Baseada no Uso (FBU) e Fonologia de Exemplos (FE)⁴ enquanto modelos cognitivo-funcionais afins, além do mais, propomos *Fonologia Cognitivo-funcional* (FCF) como um termo hiperonímico para essas e outras teorias.

Partindo da FC, em sua obra seminal sobre *categorização*, Lakoff (1987), reportando pesquisas anteriores, já havia tecido comentários de ordem fonológica acerca desse processo: “Categorias fonêmicas em geral são entendidas em termos de seus membros prototípicos. Os fones não-prototípicos [alofones] se relacionam ao protótipo via regras fonológicas. [...] a categorização fonológica, como outras categorizações cognitivas, apresenta efeitos prototípicos” (Lakoff, 1987, p. 61, tradução nossa)⁵. Ainda, apresenta algumas tópicas bastante atuais em meio à FCF, como:

- Os traços fonéticos não são binários, mas consistem em uma dimensão ao longo da qual os segmentos podem ter valores variados.
- Uma teoria psicologicamente real deve permitir a possibilidade de mais de uma atribuição correta de traços para um segmento (Jaeger 1980 *apud* Lakoff, 1987, p. 62, tradução nossa)⁶.

⁴ Adiantamos que já há um uso quase sinónimo entre esses dois últimos termos em meio à academia, visto isso, não nos deteremos em diferenciá-los.

⁵ “Phonemic categories in general are understood in terms of their prototypical members. The non-prototypical phones are related to the prototype by phonological rules. [...] phonological categorization, like other cognitive categorization, shows prototype effects” (Lakoff, 1987, p. 61).

⁶ “- Phonetic features are not binary, but consist of a dimension along which segments can have varying values.

A ideia de um feixe de exemplares como representação fonológica abarca muito bem essas noções de *gradualidade fonética* e de *multirrepresentatividade* expostas. Mais detidamente, em *Cognitive Phonology* (1989), Lakoff se debruça sobre a fonologia das línguas naturais, apresentando uma proposta de mecanismo cognitivo de processamento em oposição àquele da Gramática Gerativo-transformacional da época, uma vez que:

Os processos neurais ocorrem em tempo real. As derivações fonológicas não ocorrem em tempo real, mas em algum ‘tempo’ abstrato que não pode ser colocado em correspondência com o tempo real. Os falantes processam da esquerda para a direita, não de cima para baixo. Não há como os estágios intermediários de derivações fonológicas longas de frases novas e longas serem realizados como tal em um cérebro que funciona em tempo real. Todos esses estágios intermediários de derivações longas de frases simplesmente não podem ser realizados no cérebro (Lakoff, 1989, p. 1, tradução nossa)⁷.

Exemplificando deveras bem os porquês da crítica comum à derivacionalidade aventados pela FCF. Ainda sobre isso, segue-se um exemplo de derivações fonológicas para uma lexia do mohawk (figura 1), língua indígena norte-americana, que vinha sendo usado para argumentar que as regras fonológicas devem ser extrinsecamente ordenadas:

Figura 1 – Derivações fonológicas para uma lexia da língua mohawk

- A psychologically real theory must allow for the possibility of more than one correct feature assignment for a segment” (Jaeger 1980 *apud* Lakoff, 1987, p. 62).

⁷ “Neural processes occur in real time. Phonological derivations do not occur in real time, but in some abstract ‘time’ that cannot be put in correspondence with real time. Speakers process left-to-right, not top-to-bottom. There is no way that the intermediate stages of long phonological derivations of novel long sentences can be realized as such in a brain that functions in real time. All those intermediate stages of long derivations of sentences simply cannot be realized in the brain” (Lakoff, 1989, p. 1).

y e + $\bar{\Lambda}$ k + h r e k + ? #
 y $\bar{\Lambda}$ k h r e k ? # (by vowel deletion)
 y $\acute{\Lambda}$ k h r e k ? # (by stress assignment)
 y $\acute{\cup}$ k h r e k ? # (by vowel change)
 y $\acute{\cup}$ k h r e k e ? # (by epenthesis)
 y $\acute{\cup}$ k h r e g e ? # (by voicing)
 y $\acute{\cup}$ k r e g e ? # (by h-deletion)

Fonte: Lakoff (1989, p. 4).

Para a FC, de Lakoff (1989), existem, ao invés de regras derivacionais que recebem entradas e produzem saídas, *construções*: condições de boa formação válidas dentro e entre os níveis morfêmico (M), fonêmico (P) e fonético (F). São, assim, preferenciais as construções que operam dentro de um mesmo nível, enquanto construções entre níveis expressam restrições que não o poderiam ser dentro de um mesmo nível. Para além disso, o ambiente favorecedor pode ocorrer em qualquer um desses três níveis, sendo a situação-padrão a identidade entre níveis, ao que as construções substituem esse padrão.

Assim, segue-se um exemplo de construções para a mesma lexia do mohawk (figura 2):

Figura 2 – Construções para a mesma lexia da língua mohawk

M: y e + $\bar{\Lambda}$ k + h r e k + ? #
 ~~↓~~
 P: y $\bar{\Lambda}$ k h r e k ? #
 ~~↓~~ ~~↓~~ ~~↓~~
 F: y $\acute{\cup}$ k r e g e ? #

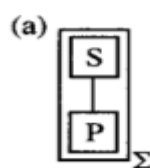
Fonte: Lakoff (1989, p. 7).

Em que, “Ao invés de cinco níveis intermediários, há apenas um. As linhas indicam correspondências permitidas. As linhas riscadas indicam a ausência de um elemento em um determinado nível. O restante é idêntico e está de acordo com as associações-padrão” (Lakoff, 1989, p. 7, tradução nossa)⁸.

⁸ “Instead of five intermediate levels, there is only one. The lines indicate sanctioned correspondences. The crossed-out lines indicate lack of an element at a level. And the rest is identical and is sanctioned by the default associations” (Lakoff, 1989, p. 7).

Tal mecanismo, em específico, não se difundiu em meio aos estudos linguísticos, ainda que possamos estender suas críticas ao aspecto derivacional à FCF como um todo. Ademais, Lakoff ressalta, para a ciência dos demais linguistas cognitivos, que “A fonologia cognitiva deve ser vista como parte integrante da gramática cognitiva. Como tal, ela assume que a fonologia, como o resto da linguagem faz uso de mecanismos cognitivos gerais [...]” (1989, p. 2, tradução nossa)⁹. Já Langacker (2008), ao lançar as bases da Gramática Cognitiva, destaca a sua visão da estrutura simbólica das construções linguísticas, na qual o componente fonológico é indissociável (figura 3):

Figura 3 – Representação da estrutura simbólica de construções linguísticas



Fonte: adaptado de Langacker (2008, p. 15).

Em que “[...] uma estrutura simbólica (Σ) reside em uma ligação entre uma estrutura semântica (S) e uma estrutura fonológica (P), de modo que uma é capaz de evocar a outra. Descrevo uma estrutura simbólica como **bipolar**: S é seu **polo semântico** e P seu **polo fonológico**” (Langacker, 2008, p. 15, tradução nossa, grifos do autor)¹⁰. A seguir, o autor apresenta sua hipótese de trabalho forte: “[...] **os únicos elementos atribuíveis a um sistema linguístico são (i) estruturas semânticas, fonológicas e simbólicas que realmente ocorrem como partes de expressões; (ii) esquematizações de estruturas permitidas; e (iii) relações de categorização entre estruturas permitidas**” (Langacker, 2008, p. 25, tradução nossa, grifos do autor)¹¹. A partir disso, o linguista assume que, no que tange à estrutura fonológica:

- (a) podemos postular elementos específicos, como segmentos (ex.: [p, b]) e sílabas (ex.: [pa], [bra]);

⁹ “Cognitive phonology is to be seen as an integral part of cognitive grammar. As such, it assumes that phonology, like the rest of language makes use of general cognitive mechanisms [...]” (Lakoff, 1989, p. 2).

¹⁰ “[...] a symbolic structure (Σ) resides in a link between a semantic structure (S) and a phonological structure (P), such that either is able to evoke the other. I describe a symbolic structure as being **bipolar**: S is its **semantic pole**, and P its **phonological pole**” (Langacker, 2008, p. 15, grifos do autor).

¹¹ “[...] **the only elements ascribable to a linguistic system are (i) semantic, phonological, and symbolic structures that actually occur as parts of expressions; (ii) schematizations of permitted structures; and (iii) categorizing relationships between permitted structures**” (Langacker, 2008, p. 25, grifos do autor).

- (b) por sua vez, esquematizações abstratas desses, como segmentos menos especificados (ex. P = consoantes oclusivas bilabiais) e tipos de sílaba (ex.: CV, CCV);
- (c) e, por fim, relações de categorização entre esses esquemas e suas instanciações (ex.: [p, b] $\subset$ P, [pa] $\subset$ CV, [bra] $\subset$ CCV).

Para além disso, Langacker (2008) evidencia a atuação de *processos cognitivos de domínio geral* (PCDG) na fonologia, como *associação* (i.e., *analogia*), *automatização*, *esquematização* e *categorização* (esta, assim como Lakoff (1987)). Nessa mesma linha, Mompeán (2014) situa a Fonologia em meio à LC através dos processos de categorização (em que fala de traços, fonemas, classes naturais, sílabas etc.), *percepção* e *combinação conceptual*; salientando, pertinentemente, que: “[...] a fonologia não é de forma alguma menos passível de um tratamento cognitivo do que o estudo do significado das palavras ou das construções gramaticais” (Mompeán, 2014, p. 253, tradução nossa)¹².

Ademais, o linguista procura relacionar a FC aos demais postulados da LC, como à tese da mente corporificada, a partir da qual fala do detalhe fonético, logo, do *enraizamento* da gradualidade acústico-articulatória nas representações fonológicas múltiplas (contribuição marcante da FCF); também, à abordagem baseada no uso, ou seja, como o uso (re)modela a fonologia; e, ainda, à motivação sociocultural e ecológica:

[...] a fonologia na Linguística Cognitiva deve levar em conta os processos cognitivos gerais que moldam e dão origem às unidades fonológicas, bem como os vários fatores – linguísticos e independentes da linguagem – que motivam essas unidades (fonéticos, baseados no uso, socioculturais, ecológicos etc.) (Mompeán, 2014, p. 270, tradução nossa)¹³.

Exemplos de aplicação da FC ao português brasileiro (PB) são os trabalhos do Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira, dentre os quais apresenta a atuação da categorização como processo subjacente à regularidade/sistematicidade da variação linguística, ao que sumariza pressupostos cognitivos para as categorias fonológicas:

1. As categorias fonológicas devem ter realidade psicológica. Veja que isso não sugere

¹² “[...] phonology is in no way less amenable to a cognitive treatment than the study of word meaning or grammatical constructions” (Mompeán, 2014, p. 253).

¹³ “[...] phonology in Cognitive Linguistics should take into account the general cognitive processes that shape and give rise to phonological units as well as the various factors – linguistic and language-independent – which motivate those units (phonetic, usage-based, sociocultural, ecological, etc.)” (Mompeán, 2014, p. 270).

apenas, ou principalmente, uma realidade intrassistêmica; precisamos contar com falantes reais em mundos reais.

2. As categorias fonológicas são motivadas por fatores físicos, fonéticos, anatômicos; e também por recursos cognitivos mais amplos. Não há modularidade e, portanto, não faz muito (ou nenhum) sentido separar-se a fonética da fonologia.

3. As categorias fonológicas são controladas por fatores sociais e culturais; são também baseadas no uso.

4. As categorias são de natureza prototípica e a sobreposição fonológica é algo natural, podendo ser representada por modelos radiais (v. LAKOFF, 1987). Não há limites claros entre as categorias.

5. Os protótipos são, portanto, sensíveis a atratores não periódicos, dada a natureza ecológica e etológica da linguagem (Oliveira, 2022, p. 29).

No que tange às FBU/FE, podemos indicar a obra *Phonology and language use* (2001), de Bybee, como aquela que firmou suas bases. A autora inicia abordando como o *uso* vinha sendo desconsiderado nas teorizações linguísticas, vide a pungência de teorias formalistas, como o Estruturalismo e o Gerativismo, e que, mesmo nos modelos baseados no uso, à Fonologia se tinha dado pouca atenção. A partir disso, firma um aspecto-chave desse modelo: “[...] a frequência com que palavras individuais ou sequências de palavras são usadas e a frequência com que certos padrões se repetem numa língua afeta a natureza da representação mental e, em alguns casos, a forma fonética real das palavras” (Bybee, 2001, p. 1, tradução nossa)¹⁴.

Ao demonstrar as limitações que, mesmo amplamente se considerando o fluxo da fala como contínuo, sucedem-se a partir de análises que tomam o *segmento* como unidade mínima, a linguista advoga em favor do *gesto articulatório*: “‘gestos são eventos que se desenrolam durante a produção da fala e cujas consequências podem ser observadas nos movimentos dos articuladores da fala’ ([Browman; Goldstein] 1992: 156). Um enunciado típico é composto por múltiplos gestos sobrepostos ou sequenciados uns em relação aos outros” (Bybee, 2001, p. 69, tradução nossa)¹⁵. Essa sua postura não se dá apenas em razão de uma maior precisão descritiva, mas, também, pela maior coerência com a LBU, posto que, sendo a fala uma atividade psicomotora espaciotemporal, seu processamento está submetido aos mesmos PCDG que demais atividades semelhantes.

Dentre esses processos, Bybee concede bastante destaque à automatização na fonologia (assim como Langacker (2008)), ressaltando que “Com a prática, os falantes se tornam mais fluentes

¹⁴ “[...] the frequency with which individual words or sequences of words are used and the frequency with which certain patterns recur in a language affects the nature of mental representation and in some cases the actual phonetic shape of words” (Bybee, 2001, p. 1).

¹⁵ “‘gestures are events that unfold during speech production and whose consequences can be observed in the movements of the speech articulators’ ([Browman; Goldstein] 1992: 156). A typical utterance is composed of multiple gestures overlapping or sequenced with respect to one another” (Bybee, 2001, p. 69).

na junção de palavras e essa fluência e automação são caracterizadas pela suavização das transições e pela sobreposição de movimentos limitados pela necessidade de reter o valor da informação” (2001, p. 15, tradução nossa)¹⁶. Uma consequência disso é que a maioria dos fenômenos fonético-fonológicos podem ser enquadrados em:

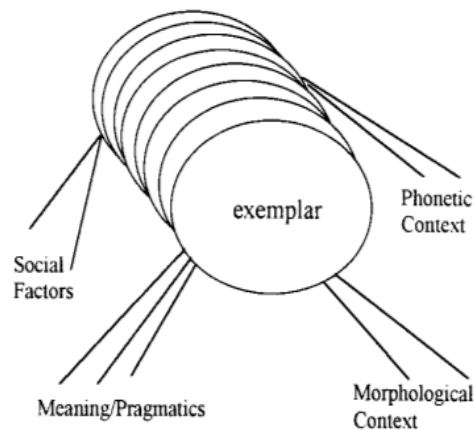
- (a) **assimilação**, como *ressincronização gestual*, em que os gestos articulatórios podem ser “[...] iniciados antes, caso em que podem se sobrepor a gestos precedentes [assimilação antecipatória]; ou podem ser estendidos, isto é, não interrompidos tão depressa, caso em que podem se sobrepor ou perseverar em gestos subsequentes [assimilação perseverativa]” (Bybee, 2020, p. 57);
- (b) ou **lenição**, como *redução gestual*, “Uma mudança será considerada uma redução se constituir uma redução na magnitude ou duração de um gesto articulatório” (Bybee, 2020, p. 71); podendo ambas atuarem juntas¹⁷.

A teórica adota, ainda, o Modelo de Redes para descrever a organização do léxico — ou, melhor, do construcionário — o qual se constitui de “Ocorrências de experiência linguística [e não-linguística que] são [analogicamente] categorizadas e combinadas com ocorrências semelhantes que foram previamente armazenadas como exemplares”, sendo assim, “[...] todos os exemplares fonéticos de uma palavra são agrupados em um feixe de exemplares que é associado aos significados da palavra e aos contextos em que ela foi usada, os quais, eles próprios, formam um feixe de exemplares [...]” (Bybee, 2016, p. 43) (figura 4):

Figura 4 – Representação e associações de um exemplar

¹⁶ “With practice, speakers become more fluent in stringing words together, and this fluency and automation is characterized by the smoothing of transitions and overlapping of movements constrained by the need to retain information value” (Bybee, 2001, p. 15).

¹⁷ Bybee não descarta o fenômeno de fortalecimento/inserção, que “[...] deve ser entendido como o aumento na magnitude ou duração de um gesto” (2020, p. 96).



Fonte: Johnson (1997 *apud* Bybee, 2001, p. 52).

Visto isso, necessário se faz salientar que um *exemplar* (a *categoria de nível básico* (Mompéan, 2014) da FCF) equivale a cada *token* de um mesmo *type* de uma variante de uma mesma construção mono ou multilexical, apresentando, naturalmente, *efeitos prototípicos* em seu processo de categorização, dado com base em similaridades fonético-fonológicas e semântico-pragmáticas:

Em primeiro lugar, a frequência de uma variante específica leva a que ela seja considerada mais próxima do protótipo ou do melhor exemplar. Em segundo lugar, o contexto em que as variantes são normalmente ouvidas afeta sua categorização. Em terceiro lugar, as representações mentais contêm detalhes consideráveis sobre as variantes fonéticas, incluindo a especificação de múltiplos traços acústicos, não apenas aqueles que determinam o contraste fonêmico (Bybee, 2001, p. 52)¹⁸.

No cenário brasileiro, as FBU/FE podem ser bem exemplificadas através das pesquisas das Profas. Dras. Thaís Cristófaros Silva e Christina Abreu Gomes, dentre as quais destacamos aquelas de ordem teórico-metodológica e de divulgação desses modelos:

[...] o Modelo de Exemplares agrega a Fonética e a Fonologia no componente sonoro, não havendo, portanto, níveis distintos: fonético e fonológico. Esse aspecto inovador do modelo define que as representações incorporam o detalhe fonético, que inclui tanto aspectos relacionados aos eventos articulatórios, presentes na produção dos sons, como informações acústicas [para além de associações semântico-pragmáticas e indexações sociais]. Diferentes tipos de abstrações são emergentes das instâncias de uso, configurando um modelo de conhecimento fonológico em que informações fonéticas finas e unidades abstratas estão integradas (Cristófaros Silva; Gomes, 2020, p. 35).

¹⁸ “First, the frequency of a particular variant leads to its being considered closer to the prototype or the best exemplar. Second, the context in which variants are normally heard affects their categorization. Third, mental representations contain considerable detail about phonetic variants, including the specification of multiple acoustic features, not just those that determine phonemic contrast” (Bybee, 2001, p. 52).

Abaixo, segue-se um quadro-síntese dos modelos fonológicos cognitivo-funcionais arrolados nesta pesquisa, bem como outros afins sondados, embora não empregados em nossas análises:

Quadro 1 – Modelos fonológicos cognitivo-funcionais

Modelos	Referências representativas	Aspectos-chave
Fonologia Cognitiva	Lakoff (1989), Mompeán (2014) e Oliveira (2022).	Traço, fonema, sílaba, esquema, multirrepresentatividade, não-derivacionalidade, processos cognitivos de domínio geral (sobretudo, categorização, analogia, esquematização e automatização) e integração mais direta com a Linguística Cognitiva.
Fonologia Baseada no Uso/de Uso/de Exemplos/Multirrepresentacional/Estocástica/Probabilística	Bybee (2001; 2016; 2020), Pierrehumbert (2001), e Cristófaró Silva e Gomes (2007; 2020).	Gesto articulatório, sílaba, exemplar, esquema, multirrepresentatividade, não-derivacionalidade, processos cognitivos de domínio geral (sobretudo, automatização, <i>chunking</i> , memória enriquecida, categorização e analogia) e integração mais direta com a Linguística Baseada no Uso.
Fonologia Acústico-articulatória/Gestual	Browman e Goldstein (1992) e Albano (2001).	Gesto articulatório, multirrepresentatividade, não-derivacionalidade, processos cognitivos de domínio geral (sobretudo, automatização) e integração mais direta com a Fonologia de Laboratório e Experimental.
Fonologia de <i>Templates</i>	Vihman e Croft (2007).	<i>Template</i> /esquema/construção, multirrepresentatividade, não-derivacionalidade, processos cognitivos de domínio geral (sobretudo, abstratização, esquematicidade, <i>chunking</i> , memória enriquecida e analogia) e integração mais direta com a Gramática de Construções.

Fonte: elaboração própria.

Posto isso, acreditamos que a gênese da FC se deu em meio às pesquisas da LC, enquanto as FBU/FE parecem ter surgido mais diretamente da LF. Podemos observar alguns indícios disso, tanto a partir da trajetória de seus teóricos, quanto a partir de tendências de pesquisa: há uma sobressalência qualitativa da LC (devido ao seu alinhamento fenomenológico mais descritivo-interpretativo) na FC e quantitativa da LF (devido à sua tradição de análise dos *efeitos de frequência*) nas FBU/FE. Contudo, haja vista a síntese da LC e da LF na LBU, dada às suas compatibilidades teórico-epistemológicas, consideramos todos esses modelos fonológicos cognitivo-funcionais como

afins e propomos a FCF, uma vez que esse termo ainda não foi tomado por uma teoria em específico, como um hiperônimo de todos aqueles supracitados (cf. quadro 1) e ainda outros que venham a se mostrar compatíveis, de maneira a unificar trabalhos futuros que os empreguem.

1.1 Hipercorreções e processos cognitivos de domínio geral

Labov, sob uma perspectiva sociolinguística¹⁹, descreve o fenômeno da *hipercorreção* como: “[...] [quando os falantes] vão além do grupo de *status* mais elevado em sua tendência a usar as formas consideradas corretas e apropriadas para estilos formais” (2008, p. 155), analogamente, Crystal aponta que “O fenômeno geralmente ocorre quando falantes de um dialeto não-padrão tentam usar o dialeto padrão e ‘vão longe demais’, produzindo uma versão que não aparece no padrão [...]” (2008, p. 232, tradução nossa)²⁰. Faz-se interessante ressaltar que ambos os teóricos apresentam um conceito mais *lato* e referencial, visto que, nos estudos mais recentes, assim como neste trabalho, costumamos observar a hipercorreção sempre em referência à *norma-padrão* da escrita formal.

Ademais, em *Falsas elegâncias: como evitar a hipercorreção na escrita formal* (2020), o sociolinguista Marcos Bagno reconhece que há toda uma tipologia de hipercorreções, dentre as quais inclui as de pronúncia, citando, inclusive, exemplos históricos cujas formas hipercorretas, sincronicamente, são as únicas aceitas pela *norma culta* e/ou padrão, ex.: ‘pântano’ (por.) advém de ‘*pantáno*’ (it.), assim como ‘rúbrica’ advém de ‘rubrica’, ambos fenômenos de *sístole*²¹, mas, enquanto a primeira (pântano) é a única variante socialmente prestigiada, a segunda (rúbrica) não o é. Para além, o autor ressalta que os gêneros textuais mais formais (como as redações escolares de nosso *corpus*), precisamente por seu registro, são mais favorecedores desse fenômeno; ainda, “Infelizmente, muitos dos fenômenos de hipercorreção — ou pelo menos os mais comuns — se devem a um ensino de língua pouco satisfatório, resultante de uma concepção equivocada do que

¹⁹A Sociolinguística é uma teoria bastante bem-sucedida em termos da relação entre língua(gem) e sócio-história-cultura, ao que consideramos que se situe em uma LBU *Lato Sensu*, pois credita aos usos empíricos um papel central na (re)modelagem do sistema linguístico, mas, não costuma agregar aspectos cognitivo-funcionais em suas teorizações e/ou análises.

²⁰ “The phenomenon usually takes place when speakers of a non-standard dialect attempt to use the standard dialect and ‘go too far’, producing a version which does not appear in the standard [...]” (Crystal, 2008, p. 232).

²¹ Em consonância à FCF, essas variantes foram suscitadas a partir da automatização na fala *online* e mapeadas lexicalmente como exemplares, posteriormente, passando a serem selecionadas como *metas de realização* (Haupt, 2011).

seja escrever bem” (Bagno, 2020, p. 6).

A partir de Barbosa (1999), distinguimos hipercorreções *grafofonéticas*, realizações gráficas que refletem pronúncias mais possíveis ou prováveis, coerentes ao aparelho fonador, à idade e ao dialeto dos escreventes, de hipercorreções *grafemáticas*, realizações gráficas que refletem dificuldades no uso de *grafismos*, as convenções dos sistemas de escrita e ortográfico coetâneos aos textos, sem ligação imediata à fonologia.

Isso posto, haja vista a nossa abordagem cognitivo-funcional para as hipercorreções grafemático-fonético-fonológicas, elencamos aqueles que consideramos ser os principais PCDG subjacentes às ocorrências catalogadas:

- (i) **Conceptualização e categorização:** Como supracitado, tais processos têm se mostrado bastante produtivos em termos de descrição fonético-fonológica (Lakoff, 1987; Langacker, 2008; Mompeán, 2014; Oliveira, 2022). Tratando-se da categorização, costumamos considerar, a partir do trabalho de Lakoff (1987), que essa organização dos *conceitos mentais* (produtos da conceptualização) das experiências biopsicossociais e linguísticas, em categorias, é radial e gradual; ou seja, há um *protótipo*, um membro/exemplar que exibe a maior gama de características atribuídas a uma categoria, e uma *periferia*, composta por aqueles que exibem menos traços e, por isso, vão se distanciando do protótipo.
 - (ii) **Chunking e memória enriquecida:** Newell aponta que “[...] um *chunk* é uma unidade da organização da memória, criado pela união de um conjunto de *chunks* já formados na memória e fundidos em uma unidade maior. *Chunking* implica a capacidade de construir tais estruturas recursivamente [...]” (*apud* Bybee, 2016, p. 64-65); por sua vez, Cristófaró Silva e Gomes (2020, p. 14-15) salientam que “O armazenamento de memória enriquecida (*rich memory storage*), que corresponde às representações detalhadas de palavras e sentenças, que incluem contextos de uso, significado e inferências associadas com enunciados, é um dos processos cognitivos de domínio geral que levam à emergência da estrutura linguística”. Dessa forma, podemos perceber como os exemplares linguísticos (constituídos por gestos articulatórios) e biopsicossociais conceptualizados são tomados para a categorização, em *chunks*, na memória enriquecida. Vale citar que os *chunks*, ainda que, conforme mais frequentes, tornem-se mais integrados e opacos, apresentam diferentes graus de
-

autonomia e de *analísabilidade*, sendo possível a apreensão de unidades internas: “[...] [há] exemplares formados de subsequências de palavras, como **sílabas**, **consonantes** ou **vogais**” (Bybee, 2016, p. 45, grifos nossos).

- (iii) **Analogia:** Se o *chunking*/memória enriquecida é basal para o Modelo de Exemplares, a analogia o é para o Modelo de Redes, uma vez que é “[...] o estabelecimento de conexões psicológicas com o potencial de influenciar processos subsequentes” (Langacker, 2008, p. 16, tradução nossa)²²; sendo, pois, responsável pela organização dos exemplares (em *chunks*) no construcionário, interligando-os por redes de similaridades fonético-fonológicas e semântico-pragmáticas, mais indexações sociais (Bybee, 2001; 2016; Cristóvão Silva; Gomes, 2020).

Assim sendo, entendemos a hipercorreção como um fenômeno linguístico *diafásico*, uma vez que se dá em textos (orais e escritos) nos quais o falante/escrevente varia de um registro mais informal para um mais formal (Labov, 2008), e *contraprototípico*, pois usa exemplares que refletem tendências menos prototípicas, na *norma vernacular*, e mais prototípicas na norma culta e/ou padrão; contudo, essa orientação por tendências mais frequentes nessas normas — como a não apócope de rótico (cf. quadro 3) — não implica que as formas produzidas sejam sociolinguisticamente reais.

2. Dos procedimentos metodológicos

As pesquisas das FBU/FE, comumente, adotam a abordagem quantitativa, a fim de apreenderem os efeitos das frequências *token* e *type*, por exemplo. Todavia, esse não é o caso deste estudo, pois, o que objetivamos é uma análise qualitativa descritivo-interpretativa, de maneira a inferirmos os PCDG que atuaram nas hipercorreções — em consonância aos preceitos fenomenológicos da LC/FC: “[...] essas abordagens se baseiam em caracterizações fenomenológicas para a orientação e como base para a interpretação dos resultados” (Langacker, 2008, p. 31, tradução nossa)²³.

²² “[...] simply the establishing of psychological connections with the potential to influence subsequent processing” (Langacker, 2008, p. 16).

²³ “[...] these approaches rely on phenomenological characterizations for guidance and as the basis for interpreting results” (Langacker, 2008, p. 31).

No que diz respeito ao *corpus*, fora feito um recorte de 35 redações, 20 de uma atividade diagnóstica (AD) e 15 de uma produção textual final (PTF) (estas, por buscarmos entrever possíveis efeitos do letramento escolar formal no fenômeno da hipercorreção), aplicadas a estudantes do 6º ano de uma escola pública periférica de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador-BA, material, esse, constituído por Nascimento (2019). Foram selecionados 20 alunos para participar de um projeto de realfabetização, desses, 15 foram do sexo masculino e 05 do sexo feminino, autodeclarados, quase em absoluto, como negros, de faixa etária entre 11 e 13 anos. Todos nasceram nesse município onde estudaram e cursaram a primeira etapa do Ensino Fundamental nessa mesma rede municipal; ainda assim, a autora indica que é possível percebermos indícios de uma *norma rurbana*.

Quanto aos dados, partimos do tratamento feito por Vital Martins e Santiago (2025), que realizaram a descrição de todos os mais de 1.300 desvios ortográficos do *corpus* de Nascimento (2019), criando, indutivamente, mais de 80 categorias e subcategorias taxonômicas²⁴ que abarcassem todo o conjunto de fenômenos. Os autores procuraram discernir tais ocorrências como *grafofonéticas* ou *grafemáticas* (Barbosa, 1999) a partir de critérios como a probabilidade de ser uma articulação possível e/ou provável à idade e ao dialeto dos estudantes, para além do cruzamento de tais aspectos com a frequência, no *corpus* e/ou na *mão* em específico, de incidência do fenômeno e/ou desse sobre lexia/s em específico.

3. As hipóteses heurísticas dos estudantes

Seguem-se as análises dos dados de *escrita fonética* (4.1) e de *escriptualidade* (4.2).

3.1 Hipercorreções grafofonéticas

Apresentamos, primeiramente, as ocorrências desses fenômenos relacionadas a grafemas representativos de vogais:

Quadro 2 – Índices de hipercorreção grafofonética vocálica

Fenômenos	Textos de estudantes	
Abaixamento	AD	estruneto (instrumento, AD07, l.08)

²⁴ Tomando como base a tipologia tanto dos estudos de *inabilidade em escrita alfabética*, quanto da Fonologia descritivo-sincrônica e histórico-diacrônica.

	PTF	acostomando (acostumando, PTFAJSO, l.11)
Monotongação	AD	Animas (animais, AD20, l.20)
	PTF	mas (mais, PTFAJSO, l.16)
Ditongação	AD	a doutar (adotar, AD01, l.28)
	PTF	projeito (projeto, PTFRRS, l.03)
Acréscimo de <l> em coda de monossílabo	AD	ul (o, AD07, l.08)
	PTF	Não há ocorrência

Fonte: elaboração própria.

O *abaixamento vocálico* consiste em um fenômeno acústico-articulatório no qual a língua se abaixa, resultando em uma vogal menos alta. Entendemo-lo, alicerçados na FCF, como suscitado a partir da automatização na fala *online* (Bybee, 2020), logo, não como um produto de regras fonológicas derivacionais *offline*, conseqüentemente, tal realização concreta é mapeada e passa a compor as representações fonológicas abstratas múltiplas das lexias, interligadas aos demais feixes de exemplares da língua por redes de similaridades fonético-fonológicas e semântico-pragmáticas (Bybee, 2016).

Visto isso, interpretamos casos como ‘<e>nstrmento’ e ‘acost<o>mando’ como possíveis índices de abaixamento, pelas passagens de [i] > [e] e de [u] > [o], respectivamente, mas, também, como hipercorreções, porque acreditamos que a motivação subjacente a essas realizações seja a prototipicidade, no construcionário, de exemplares com vogais *historicamente alçadas*²⁵, produzidas através do fenômeno ‘oposto’ de levantamento da língua; historicamente, pois, há uma:

[...] divisão básica entre [processos fônicos] “vivos” e “mortos”, ou, em prol do rigor do vocabulário técnico, “correntes” – quantitativos, físicos – e “lexicalizados” – qualitativos, simbólicos. Em suma, será preciso afirmar que, entre ou dentro de palavras, os sons de fala só têm duas maneiras possíveis de variar: (1) a decorrente da elasticidade própria do processo de produção, envolvendo a sobreposição e a redução da magnitude dos gestos; e (2) a sensível somente a fatores lexicais e/ou gramaticais, envolvendo, como análogos simbólicos daqueles mecanismos, o realinhamento e o redimensionamento dos gestos no léxico – ambos **processos diacrônicos** (Albano, 2001, p. 6, grifos nossos).

Tal fenômeno gera uma dissociação entre a fala e a escrita ortográfica, podendo ter levado os *scriptores* a considerarem ‘instrumento’ e ‘acostumando’ como variantes fruto do alçamento (como <dimas> por ‘demais’ (AD05, l.04) e <agunado> por ‘agoniado’ (AD01, l.09) etc.), abaixando essas vogais altas pretônicas e, assim, registrando-as.

Quanto à *monotongação* e à *ditongação*, em perspectiva tradicional, essas podem ser descritas, respectivamente, como a perda da semivogal de um ditongo preexistente e como a

²⁵ Para além do fato de que o abaixamento vocálico não é comum no PB.

origem de uma semivogal contiguamente a uma vogal preexistente, logo, fenômenos ‘contrários’.

De acordo com a FCF:

Nesse modelo, cada amostra é produzida levemente enfraquecida se comparada com o exemplar da categoria que foi aleatoriamente selecionada como a meta da produção. Assim, a tendência sistemática de enfraquecimento causa a distribuição de exemplares para a mudança. Provavelmente é isso que acontece com os ditongos, para os quais encontramos o monotongo. A semivogal está enfraquecendo, reduzindo-se a uma zona de transição até ser apagada (Haupt, 2011, p. 182).

Haupt ainda afirma que “[...] o uso repetido de um monotongo em detrimento do ditongo acarretará mudança na representação mental das palavras em que ocorre”, com base na qual “[...] se estabelecem as redes de similaridade fonética e semântica entre as palavras com ditongos e que generalizações podem emergir delas” (2011, p. 173). Quanto à ditongação:

A ditongação, que é vista por alguns como um fortalecimento, também pode ser analisada como uma ressincronização, visto que se pode levantar a hipótese de que os ditongos são produzidos por uma sequência de gestos vocálicos que antes eram simultâneos. A questão crucial seria se o ditongo resultante tem uma duração temporal maior que a da vogal simples da qual surgiu (Bybee, 2001, p. 79-80)²⁶.

Tomando isso, argumentamos contra as ocorrências <Animas> (animais), <mas> (mais) e <a doutar> (adotar), <projeto> (projeto) serem vistas como, respectivamente, monotongações e ditongações ‘genuínas’, mas, sim, como hipercorreções: os escreventes, analogicamente, com base em suas redes de similaridades interconstrucionais, supuseram que ‘animais’ e ‘mais’ seriam variantes historicamente ditongadas (como <coisais> por ‘coisas’ (PTFLMOG, l.02) etc.), enquanto, contrariamente, ‘adotar’ e ‘projeto’ seriam exemplares de variantes monotongadas (como <otras> por ‘outras’ (AD06, l.04) e <bricaderas> por ‘brincadeiras’ (PTFKCA, l.07) etc.), ao que buscaram evitar tais *marcas* na grafia.

Nos estudos de inabilidade em escrita alfabética (Barbosa, 1999; Santiago, 2019 etc.), a representação/emprego de sílabas complexas já se faz presente enquanto categoria de controle. Ressalvamos, contudo, que esses abordam apenas casos de *omissão* e de *deslocamento* gráfico, não apresentando *acréscimos*, ou seja, quando se adiciona um grafema, onde não deveria haver nenhum, no ataque ramificado ou na coda, o que gera ‘pseudosílabas complexas’ — logo,

²⁶ “Diphthongization, which is viewed by some as a strengthening, can also be analyzed as a retiming since one can hypothesize that diphthongs are produced by sequencing vowel gestures that were formerly simultaneous. The crucial question would be whether the resulting diphthong has a greater temporal duration than the simple vowel from which it arose” (Bybee, 2001, p. 79-80).

hipercorreções, por se distanciarem do padrão CV, mais prototípico (Vital Martins; Santiago, 2025).

Assim sendo, quanto ao acréscimo de <l> em coda de monossílabo, por conta da *semivocalização* de [l] > [w] no PB²⁷ se geram ditongos Vw (como <legau> (AD19, l.08) etc.), que, por sua vez, podem ser monotongados, ex.: <votar> (*voutar < ‘voltar’, AD07, l.09) e <utima> (*uutima < ‘último’, PTFRRS, l.08) etc. Por isso, o fenômeno grafonético em questão consiste na suposição de que o emprego de apenas um grafema, representativo de um fonema vocálico, seja, na verdade, uma marca de monotongação de um ditongo desse tipo, resultando no acréscimo de um <l> como contraparte gráfica de uma ditongação com [w] na fala (ul por ‘o’ (AD07, l.08) e <Soul> por ‘Sou’ (AD18, l.01)).

Segue-se, agora, um fenômeno de hipercorreção grafonética relacionado a um grafema representativo de uma consoante:

Quadro 3 – Índices de hipercorreção grafonética consonantal

Fenômeno	Textos de estudantes	
Paragoge de (r)	AD	tever (tevê, AD08, l.08)
	PTF	Não há ocorrência

Fonte: elaboração própria.

A *paragoge* é um fenômeno tradicionalmente entendido como a adição de um segmento ao final de um vocábulo, por isso, ocorrências como <tever> por ‘tevê’ assim são consideradas. Contudo, apoiados em Bybee, esse caso do PB não deve ser entendido como um fenômeno de ordem acústico-articulatória, os quais têm como imperativo o ambiente fonético²⁸, mas, sim, como de ordem fonotática, por sua vez “[...] influenciad[o]s por fatores específicos às línguas e que podem não seguir a mesma direção entre as línguas” (2020, p. 135).

Dessa forma, o que está em jogo é a analogia estabelecida entre exemplares prototípicos de variantes cujas codas (r) foram *apocopadas* historicamente, ou seja, gradativamente deixadas de ser produzidas, e outros exemplares, que compartilham similaridades com aqueles, mas sem conter uma coda (r), apocopada ou não. No caso de <tever>, entendemos que ‘tevê’ apresenta uma vogal [e] tônica final, assim como e sobretudo, os exemplares de variantes apocopadas (mais usadas, frequentes e prototípicas) da forma nominal infinitiva de verbos da segunda conjugação, e.g.:

²⁷ Amplamente atribuída ao contato com as línguas bantas, que, a partir de Bybee (2020), podemos entender como uma mudança fonológica com *motivação fonotática* suscitada pela *transferência*, vide a quase exclusividade de sílabas CV nessas línguas.

²⁸ Embora devamos expandir “[...] nosso entendimento do contexto fonético para incluir os contextos mais amplos em que palavras e morfemas são usados” (Bybee, 2020, p. 162).

<Conhese> (conhecer, AD01, l.04), <escreve> (escrever, PTFAENB, l.15) etc.

3.2 Hipercorreções grafemáticas

Primeiramente, apresentamos as ocorrências desses fenômenos relacionadas a um grafema representativo de uma vogal:

Quadro 4 – Índices de hipercorreção grafemática vocálica

Fenômeno	Textos de estudantes	
Substituição de grafema de [ʊ]	AD	vol (vou, AD05, l.01)
	PTF	Não há ocorrência

Fonte: elaboração própria.

A supracitada semivocalização de [l] (cf. quadro 2) também gera dissociações entre a fala e a ortografia, como <legal> (AD16, l.10) ~ <legau> (AD19, l.08) etc. Esse é um fenômeno grafofonético, pois representa um índice de fala, e possivelmente não-hipercorretivo, visto que segue a prototipicidade de uso desses exemplares historicamente semivocalizados; contrariamente, a substituição de <u> ([ʊ]) por <l> (<vol> por ‘vou’ etc.) é grafemática, uma vez que não acreditamos que reflita uma produção de [l], e hipercorretiva, porque, sendo mais prototípico o registro de [u, ʊ, ɔ, w] como <u>, fazê-lo com <l> demonstra uma tentativa de acerto por afastamento do que é efetivamente produzido.

Essa hipercorreção pode impactar, ainda, a expressão do plural na fala/escrita, posto que os vocábulos terminados em <l> fazem plural com <-is> (‘funil/is’), quando oxítonos, <-eis> (‘fóssil/eis’), quando paroxítonos ou proparoxítonos, ou <-es> (‘mal/es’), quando não houve a síncope histórica do [l] intervocálico, enquanto os terminados em <u> fazem com o padrão geral <-s> (‘mau/s’). Disso, discorre-se que, se um falante/ouvinte, hipercorretivamente, supuser que uma forma termina com <l>, sendo, ortograficamente, com <u>, acionará os padrões de pluralização daquele, não desse, ex.: ‘degrais’ (degraus), ‘troféis’ (troféus) etc. O contrário, formas terminadas em <l> sendo pluralizadas como se fossem com <u>, também ocorre: ‘papéus’ (papéis), ‘carnavaus’ (carnavais), contudo, por seguir a transposição da fala para a escrita (vide a semivocalização) e da prototipicidade dos usos (vide o padrão geral de plural com <-s>/<-s>), não é uma hipercorreção. Contudo, não encontramos quaisquer dados semelhantes a esses no *corpus*.

Abaixo, seguem-se os fenômenos de hipercorreção grafemática relacionados a grafemas representativos de consoantes:

Quadro 5 – Índices de hipercorreção grafemática consonantal

Fenômenos	Textos de estudantes	
Substituição de grafema de [s]	AD	anceioso (ansioso, AD01, l.25)
	PTF	foce (fosse, PTFGJC, l.08)
Substituição de grafema de [z]	AD	faser (fazer, AD17, l.02)
	PTF	Não há ocorrência
Substituição de grafema de [ʃ]	AD	Segar (chegar, AD01, l.12)
	PTF	Não há ocorrência
Substituição de grafema de [ʒ]	AD	giultilto (jiu-jítsu, AD04, l.05)
	PTF	Não há ocorrência
Substituição de grafema de [k]	AD	beciquta (bicicleta, AD20, l.16)
	PTF	ésquita (escrita, PTFESJS, l.10)

Fonte: elaboração própria.

Os fenômenos de substituição de grafemas representativos de [s, z, ʃ, ʒ, k] são suscitados pela não-univocidade representacional ortográfica dessas consoantes, sendo considerados como hipercorreções, pois recorreram a grafemas menos prototípicos, em termos de representação unívoca do fone em questão, o que indicia uma ‘tentativa de acertar’ típica das hipercorreções:

- (i) **[s]:** Em <anceioso> (ansioso) e <foce> (fosse) ocorrem substituições de <s> e <ss>, respectivamente — ambos, grafema e dígrafo, representações ortográficas possíveis de [s] — por <c>, outra representação ortográfica possível, logo, não indiciando aspectos grafonéticos, mas, sim, grafemáticos. Devido à baixa prototipicidade de <c>, em relação a <s> e <ss>, para a representação desse segmento²⁹ (por, ainda, poder representar [k], ao contrário, sobretudo, de <ss>, que só representa [s]), consideramos que seja uma hipercorreção³⁰; contrariamente a substituições como <casula> (caçula, AD04, l.18), <esplicar> (explicar, PTFAJSO, l.05) etc., grafonéticas, à medida que se aproximam mais das realizações concretas que de grafismos, e não-hipercorretivas, por usarem <s> (mais prototípico) para representar [s].
- (ii) **[z]:** <faser> (fazer) é uma substituição de <z> por <s>, muito provavelmente, guiada pela regularidade ortográfica que diz que ‘<s> entre vogais tem som de [z]’. Todavia,

²⁹ Acreditamos que possamos assumir o seguinte *continuum* para a representação ortográfica de [s] (do mais prototípico, à esquerda, ao menos, à direita): <ss> → <s> → <ç> → <c> → <x>.

³⁰ Para além, nos casos de substituição de <ss>, pode estar em jogo a dificuldade de representação/emprego de dígrafos (Santiago, 2019).

consideramos que supor que seja com <s> (menos prototípico que <z>³¹, tendo em vista que esse representa apenas [z], enquanto há uma multiplicidade de representações possíveis para <s>) seja, também, uma hipercorreção, já que se orienta mais por um grafismo que pela fala. Opõem-se a esse caso ocorrências como <Nevozo> (nervoso, AD03, l.01), <Coizas> (coisas, AD13, l.04) etc., grafofonéticas e não-hipercorretivas.

- (iii) **[j]**: Já <Segar> (chegar), para além de pouco acurado grafofoneticamente, é um exemplo bastante contraprototípico³², logo, hipercorretivo, porque <s> representa [j] apenas em ambiente alofônico (V_ \$), ao contrário de (i) e (ii), em que as substituições ocorreram em ambiente invariável (\$_ V). Essa alofonia também é responsável por casos em que <x> pode representar [s] ou [j], como <esplicou> (explicou, PTFAENB, l.07), <Sesta> (sexta, PTFAENB, l.11) etc.; em termos de tendências de uso, a *norma baiana* costuma realizar a coda (s) como alveolar, em geral, e como alvéolo-palatal, quando diante de [t, d]. Assim, a substituição de <x> por <s> em <esplicou>, seguindo as tendências, reflete a fala ao representar [s], de maneira prototípica, com <s> e a mesma substituição, em <Sesta>, não seguindo as tendências, indicia a representação hipercorreta de [j]³³, menos prototipicamente, com <s>.
- (iv) **[ʒ]**: <giultilto> por 'jiu-jítsu', mesmo sendo um empréstimo do japonês, não acarreta impactos em nossa análise, já que a *adaptação* (Bybee, 2020) o torna uma ocorrência analisável dentre as demais em português. Seguindo a mesma linha de raciocínio, o <g> é um grafema menos prototípico que o próprio <j> ortográfico desse vocábulo para a representação de [ʒ]³⁴ (tendo em vista que <j> representa apenas [ʒ], já <g> pode representar [ʒ, g]), posto isso, a substituição de <j> por <g> é grafemática e hipercorretiva.
- (v) **[k]**: Tendo tido fim as substituições de grafemas representativos de sibilantes — sendo essa recorrência, por si, um dado relevante — vamos para as ocorrências com a velar [k], como <é squita> (escrita), que figura uma substituição de <c> por <qu>, o que consideramos uma hipercorreção, haja vista <c> ser um grafema mais prototípico para a representação de [k]

³¹ Tomamos este *continuum* para a prototipicidade representacional ortográfica de [z]: <z> → <s>.

³² Assumimos o seguinte *continuum* para a prototipicidade ortorrepresentacional de [j]: <x> → <ch> → <s>.

³³ Sendo, essa, a outra ocorrência contabilizada para esse fenômeno (além de <Segar>) que consta no quadro 5.

³⁴ Acreditamos que possamos tomar o seguinte *continuum* a prototipicidade representacional ortográfica de [ʒ]: <j> → <g>.

que <qu>³⁵. Ainda, pode estar em voga a dificuldade de representação/emprego de dígrafos (Santiago, 2019).

Seguem-se as ocorrências de hipercorreção grafemática por acréscimo de <r>:

Quadro 6 – Índices de hipercorreção grafemática por acréscimo de <r>

Fenômenos	Textos de estudantes	
Em coda medial	AD	cirdade (cidade, AD14, l.02)
	PTF	Não há ocorrência
Em coda final	AD	escolar (escola, AD13, l.09)
	PTF	Saber (sabe, PTFAENB, l.14)
Em coda de monossílabo	AD	Não há ocorrência
	PTF	ser (se, PTFAJSO, l.19)
Repetição representando [r]	AD	Não há ocorrência
	PTF	professorra (professora, PTFAJS, l.02)

Fonte: elaboração própria.

Tais fenômenos foram apartados dos demais consonantais (cf. quadro 5) devido aos estudos de inabilidade em escrita alfabética já conferirem destaque para esse grafema, ainda que sem os tratar enquanto hipercorreções, como é o caso quando essas representações/empregos de sílabas complexas envolvem acréscimos³⁶, conforme supracitado acerca do acréscimo de <l> em coda de monossílabo (cf. quadro 2). Os dados se distribuem entre acréscimo em *coda medial* (<cirdade> por ‘cidade’ e <cirdade> por ‘cidade’ (AD14, l.13)), *coda final* (<escolar> por ‘escola’, <Saber> por ‘sabe’ etc.), *coda de monossílabo* (<ser> por ‘se’) e *repetição representando* [r] (<professorra> por ‘professora’ e <derreito> por ‘direito’ (PTFCFSN, l.04)).

A hipercorreção por acréscimo de <r> em coda final e de monossílabo se distingue da hipercorreção por paragoge de (r) (cf. quadro 3) em razão da primeira ser grafemática, não apresentando índices de fala, e por estar relacionada à dificuldade de representação/emprego de sílabas complexas na escrita, enquanto a segunda é grafofonética, indiciando pronúncias possíveis e/ou prováveis, e se dá devido à analogia entre exemplares que compartilham similaridades fonético-fonológicas com aqueles que apresentam codas (r), apocopadas ou não. Já em relação à repetição, essa assim se subclassifica por ser um acréscimo de grafema contiguamente a um igual, no caso <r><rr>, sendo hipercorretiva quando representa [r], posto que <r> é a única representação ortográfica para esse segmento; quando representa [r, ɣ, x, h, h], como em

³⁵ Assumimos este *continuum* para a prototipicidade ortorrepresentacional de [k]: <k> → <c> → <qu>.

³⁶ À exceção daqueles em ataque simples, pois suscitam pseudosílabas CV, ex.: gotarira por ‘gostaria’ (AD14, l.05).

<rrecreio> (recreio, AD16, l.09), a repetição de <r> vai de encontro ao protótipo ortorrepresentacional³⁷, logo, é não-hipercorretiva.

Em se tratando da *representação irregular da nasalização/nasalidade*, Santiago (2019) escrutina seus dados em *representação exagerada*, quando um escrevente emprega, simultaneamente, mais de uma estratégia gráfica de expressão da nasalização/nasalidade (<conmo> por ‘como’ (AD04, l.20), <recommendaria> por ‘recomendaria’ (PTFAENB, l.13) etc.) e em *ausência de representação*, quando esse não emprega qualquer das estratégias (<apreder> por ‘aprender’ (AD01, l.20), <assutos> por ‘assuntos’ (PTFAENB, l.07) etc.). Todavia, Vital Martins e Santiago (2025) adicionam a subcategoria de *representação inconvençional* para quando nem se representa em demasia, nem se ausenta de representar, mas, sim, faz-se por estratégias não-padrão:

Quadro 7 – Índices de hipercorreção grafemática por representação inconvençional da nasalização/nasalidade

Fenômenos	Textos de estudantes	
Substituição de <n> por <m>	AD	cimco (cinco, AD04, l.16)
	PTF	temtei (tentei, PTFAJSO, l.14)

Fonte: elaboração própria.

Visto isso, o fenômeno em questão abarca casos de substituição de <n> por <m> (<cimco> por ‘cinco’, <temtei> por ‘tentei’ etc.), de <m> por <n> (<en>por ‘em’ (AD02, l.07), <senpre> por ‘sempre’ (PTFAVG, l.02) etc.), de <~> por <m, n> (<imans> por ‘irmãs’ (AD15, l.04)) e vice-versa, de <am> por <ão> (<erão> por ‘eram’ (AD13, l.08)) e vice-versa. Porém, dentre aquelas que ocorreram no *corpus*, apenas a substituição de <n> por <m> é hipercorretiva, uma vez que consideramos que <n> seja a estratégia de expressão da nasalização/nasalidade mais prototípica³⁸ e que <ão> seja mais prototípico que <am> para a representação ortográfica de [ãɔ̃].

O principal aspecto que nos levou a considerar <n> como mais prototípico, ao menos nessa amostra de textos, foi a maior frequência, quer entre as AD, quer entre as PTF, de substituições de <m> por <n>, o que, vide as tendências fonetizantes da escrita dos escreventes, aponta-o com estratégia aparentemente mais coerente às suas conceptualizações grafemático-fonético-fonológicas.

³⁷ Acreditamos que possamos assumir este *continuum* para a prototipicidade ortorrepresentacional de [r, ʁ, x, h, h]: <rr> → <r> → <h>.

³⁸ Tomamos o seguinte *continuum* para a representação ortográfica da nasalização/nasalidade: <n> → <m> → <~>.

Quanto às *pseudoetimologizações*, Barbosa as define como: “[...] na ânsia de investir numa variante gráfica de prestígio, os *escrevedores* do século XVIII praticam verdadeiras *ultracorreções*. Dentro desse espírito, latinizam ou helenizam os vocábulos sem que essas soluções gráficas encontrem fundamento histórico” (1999, p. 191, grifos do autor). Assim, segue-se um índice desse fenômeno ocorrido no *corpus*:

Quadro 8 – Índices de hipercorreção grafemática por pseudoetimologização

Fenômeno	Textos de estudantes	
Acréscimo de <h>	AD	hanos (anos, AD08, l.04)
	PTF	Não ocorrência

Fonte: elaboração própria.

Por isso, hipotetizamos que o acréscimo de <h> em <hanos> por ‘anos’ seja uma possível pseudoetimologização, pois, esse grafema, afora quando compõe dígrafos, configura-se como um vestígio etimológico (ex.: ‘hora’ (por.) < ‘hōra’ (lat.), ‘humano’ (por.) < ‘hūmānus’ (lat.) etc.), ao passo que o escrevente supôs que ‘ano’ (< ‘annus’ (lat.)) fosse mais um caso de ‘<h> mudo’, mesmo não o sendo.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar as hipercorreções grafemático-fonético-fonológicas em textos escritos por estudantes do Ensino Fundamental a partir de uma abordagem cognitivo-funcional, buscando compreender de que modo processos cognitivos de domínio geral participam da emergência dessas ocorrências. Partindo da premissa de que a linguagem é um sistema adaptativo complexo, estruturado pelo uso e pela experiência, a investigação procurou demonstrar que tais fenômenos não podem ser adequadamente explicados por modelos normativos ou estritamente formalistas, sendo mais produtivo interpretá-los como resultados de operações cognitivas como categorização, analogia, *chunking* e memória enriquecida, processos basais à representação e ao funcionamento da fonologia, em consonância aos pressupostos da Linguística Baseada no Uso.

Os resultados obtidos caminham em direção à confirmação da hipótese inicial de que as hipercorreções constituem manifestações de processos cognitivos subjacentes à organização do conhecimento linguístico. Observamos que os estudantes mobilizam redes de similaridade fonético-

fonológica e grafemática, orientando-se por padrões percebidos como mais prototípicos ou socialmente prestigiados, ainda que tais padrões não correspondam às convenções da norma ortográfica. Nesse sentido, as hipercorreções analisadas revelam tentativas sistemáticas de adequação a um modelo de língua formal, evidenciando que os escreventes operam com generalizações inferidas a partir de sua experiência linguística, o que reforça a natureza probabilística e gradiente das representações linguísticas.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui para o campo da Linguística ao ampliar o escopo de aplicação dos modelos cognitivo-funcionais à análise da escrita, tradicionalmente menos explorada nesse paradigma. Ao integrar aspectos fonológicos, grafemáticos, sociais e cognitivos em uma mesma abordagem, a pesquisa evidencia a pertinência de se considerar a modalidade escrita como parte do mesmo *continuum* de processos que estruturam a modalidade oral, rompendo com dicotomias clássicas entre fala e escrita. Em termos práticos, os resultados apontam para a necessidade de repensar práticas pedagógicas que tratam a hipercorreção exclusivamente como erro, sugerindo a adoção de abordagens que reconheçam seu caráter sistemático e cognitivamente motivado.

Assim, portanto, sugerimos como desdobramentos futuros a ampliação do *corpus*, incluindo diferentes níveis de escolaridade e contextos socioculturais, bem como a articulação entre análises qualiquantitativas, de modo a aprofundar a compreensão dos efeitos de frequência na organização das representações linguísticas. Também se mostra promissora a investigação da interface entre hipercorreção e práticas pedagógicas, especialmente no que se refere à construção de metodologias de ensino que considerem os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem da escrita. Dessa forma, esperamos que o presente trabalho contribua para o avanço das discussões sobre língua, cognição e ensino, reforçando a importância de abordagens que integrem dimensões formais e funcionais que perpassam as experiências da linguagem.

Referências

ALBANO, E. *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

BAGNO, M. *Falsas elegâncias: como evitar a hipercorreção na escrita formal*. São Paulo: Parábola, 2020.

BARBOSA, A. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio*. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Articulatory phonology: an overview. *Phonetica*, v. 49, n. 1, 1992, pp. 55-80.

BYBEE, J. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. *Mudança linguística*. Petrópolis: Vozes, 2020.

CRISTÓFARO SILVA, T.; GOMES, C. Aquisição fonológica na perspectiva multirepresentacional. *Letras De Hoje*, 42(1), 2007.

CRISTÓFARO SILVA, T.; GOMES, C. Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares. In: GOMES, C. *Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística*. São Paulo: Contexto, 2020, pp. 103-124.

CRYSTAL, D. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 6. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

HAUPT, C. Contribuições da fonologia de uso e da teoria dos exemplares para o estudo da monotongação. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 19, n. 1, 2011, pp. 167-189. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28656>. Acesso em: 25 abr. 2026.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. Cognitive phonology. *The Berkeley Conference of Nonderivational Phonology*, University of California, Berkeley, 1989. Disponível em: <https://george-lakoff.com/wp-content/uploads/2011/04/cognitive-phonology-lakoff-1989.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2026.

LANGACKER, R. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Nova York: Oxford University Press, 2008.

MOMPEÁN, J. Cognitive Linguistics and Phonology. In: LITTLEMORE, J.; TAYLOR, J. (ed.). *The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2014, pp. 253-276.

NASCIMENTO, S. S. D. *A importância da consciência fonológica para o aprimoramento da escrita: práticas de (re)alfabetização e letramento*. 2019. 260 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

OLIVEIRA, M. A. de. Fonologia cognitiva e variação linguística: em busca de um modelo fonológico descritivo. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, 2022, pp. 16-37.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins, 2001, pp. 137-157.

SANTIAGO, H. *A escrita por mãos inábeis: uma proposta de caracterização*. 2019. 722 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

VIHMAN, M.; CROFT, W. Phonological development: toward a “radical” templatic phonology. *Linguistics*, Berlin: De Gruyter, v. 45, n. 4, 2007, pp. 683-725. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/33041899_Phonological_development_Toward_a_%27radical%27_templatic_phonology. Acesso em: 25 abr. 2026.

VITAL MARTINS, Eduardo; SANTIAGO, Huda. Índices de inabilidade em textos de estudantes e manuscritos do passado (sécs. XVII-XXI): estudo comparativo dos róticos e dos segmentos nasais. *Anais do XXVIII Seminário de Iniciação Científica*, Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 28, 2025. Disponível em: <https://anais.uefs.br/index.php/semic/article/view/607>. Acesso em: 9 jul. 2026.
